

Expectativas do Mercado

Segundo o Federal Reserve (Fed), Banco Central dos Estados Unidos, a produção industrial norte-americana, após ter avançado 0,1% em fevereiro deste ano, registrou queda de 0,6%, em março, a maior dos últimos dois anos e meio, refletindo a retração da mineração (-0,7%) e das concessionárias de serviços públicos (-5,7%).

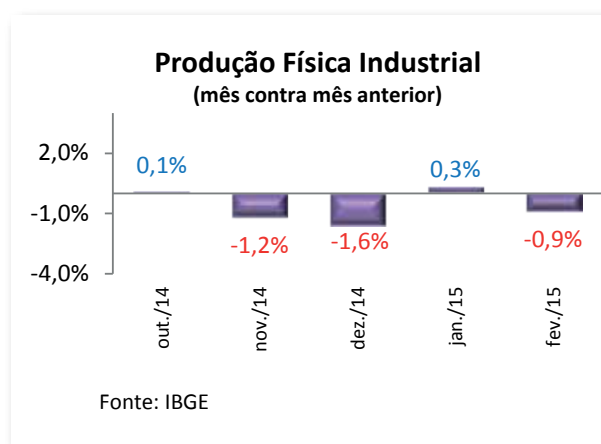
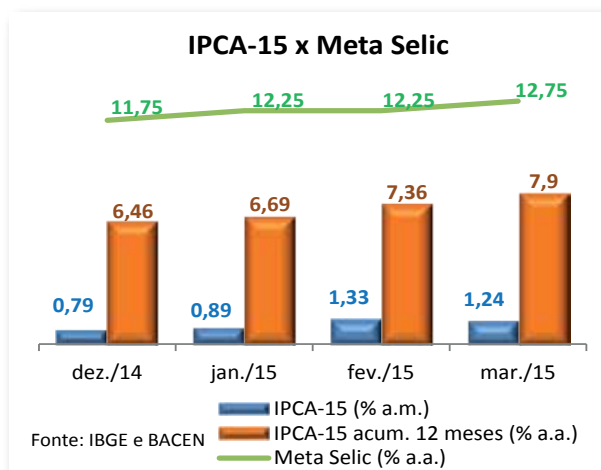
As vendas no Varejo, por sua vez, se recuperaram, após três meses consecutivos de queda, e registraram alta de 0,9%, maior crescimento desde março de 2014. Apesar de reconhecerem riscos no cenário externo e um início de ano fraco, autoridades do Fed seguem confiantes de que a recuperação da economia lançará bases para um aumento dos juros no país ainda este ano.

A Comissão Europeia revisou, de 1,1% para 1,3% o crescimento do PIB da Zona do Euro este ano, em função da queda mais rápida dos preços do petróleo, das medidas de expansão quantitativa (compras maciças ou ilimitadas de títulos) adotadas pelo Banco Central Europeu (BCE) e do plano de investimentos estratégicos de 315 bilhões de euros. Entretanto, alertou que as perspectivas de crescimento econômico em toda a Europa se veem limitadas pelos frágeis investimentos e alto desemprego.

Na China, o PIB avançou 7% no primeiro trimestre deste ano, refletindo um aumento anualizado de 6,4% da produção industrial, de 13,5% do investimento em ativos fixos, de 10,6% das vendas no varejo e de 8,5% dos investimentos em habitação. Apesar desse aumento ter sido o dobro da média mundial, foi menor do que o observado no último trimestre de 2014 (7,3%) e o pior dos últimos seis anos.

A produção industrial brasileira registrou queda de 0,9% em fevereiro ante o mês anterior. No confronto com igual mês de 2014, a retração foi ainda maior (-9,1%), décima segunda consecutiva nesse tipo de comparação. A inflação (IPCA-15) registrou alta de 1,24% em março e já acumula elevação de 7,9% nos últimos 12 meses.

A expectativa dos analistas do mercado financeiro, segundo o Boletim Focus, de 10/04/2015, é de que o PIB feche 2015 com queda de 1% e apresente recuperação em 2016. A inflação (IPCA) já acumula alta de 3,83% nos três primeiros meses do ano, podendo fechar 2015 com mais de 8% de aumento. O Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa Selic na sua última reunião para 12,75% a.a. e a taxa de câmbio, por sua vez, deve se desvalorizar ainda mais, situando-se acima de R\$ 3,00 por dólar neste e nos próximos anos.



Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-1,01	1,0	2,0	2,3	2,2
IPCA	% a.a. no ano	8,13	5,60	5,00	5,00	4,80
Taxa Selic	% a.a. em dez.	13,25	11,50	11,00	10,00	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,25	3,30	3,28	3,35	3,45

Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil - Boletim Focus, de 10/04/2015
 * Dados consolidados. ND = Não disponível

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

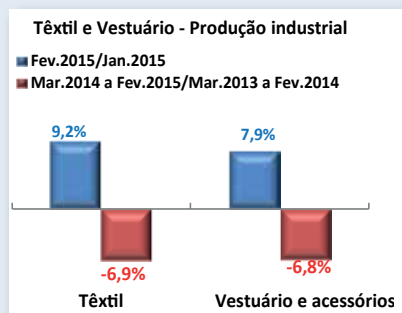
- Os negócios promissores de 2015;
- Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras nas Micro e Pequenas Empresas 2014.
- Pesquisa GEM 2014 – Empreendedorismo no Brasil

Acesse esses e outros estudos e pesquisas pela [intranet](#)

Notícias Setoriais

Comércio Varejista

Em fevereiro, o comércio varejista registrou queda de 0,1% no volume de vendas e alta de 0,7% na receita nominal sobre o mês anterior, feito o ajuste sazonal. Entretanto, no comparativo com igual mês de 2014, a retração no volume de vendas é maior (-3,1%) assim como a elevação na receita nominal: +3,6%. Já no primeiro bimestre deste ano, o volume de vendas diminuiu 1,2%, enquanto a receita nominal aumentou 5%, destacando-se a receita de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria, com crescimento de 8,9%. A previsão para 2015 é de diminuição do ritmo de crescimento das vendas, em face do cenário econômico desfavorável.



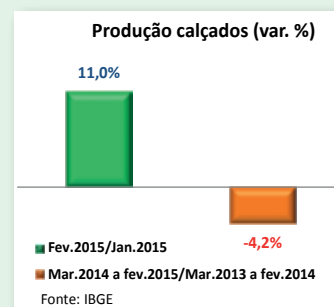
Fonte: IBGE

Têxtil e Vestuário

Em fevereiro, a produção da indústria têxtil registrou alta de 9,2% e a de vestuário e acessórios, de 7,9%, sobre janeiro deste ano. Mas, nos últimos 12 meses, a produção têxtil acumula queda de 6,9% e a de vestuários, de 6,8%. A balança comercial deste último setor, por sua vez, registrou déficit de US\$ 903 milhões no primeiro trimestre de 2015. A situação das empresas do setor, que já vêm sofrendo com os aumentos da energia elétrica, dentre outros, tende a se agravar, caso o governo consiga aprovar no Congresso o Projeto de Lei que prevê redução da desoneração fiscal sobre a folha de pagamento das empresas. O mesmo deve ocorrer com os setores de calçados e móveis.

Calçados

A produção brasileira de calçados aumentou 11% em fevereiro deste ano sobre o mês anterior, mas acumula queda de 4,2% nos últimos 12 meses. Já a balança comercial do setor acumulou superávit de US\$ 85 milhões nos três primeiros meses deste ano, com o Rio Grande do Sul liderando as exportações em valor (35,8% do total) e o estado do Ceará, em quantidade de pares (44,4% do total). Os EUA permaneceram como principal destino das exportações em valor (16% do total) e a Angola em número de pares (11,6%). O Vietnã continua como principal fornecedor de calçados para o Brasil, respondendo por 61,2% do total importado (em US\$), seguido pela Indonésia (18% do total) e China (10,3%).



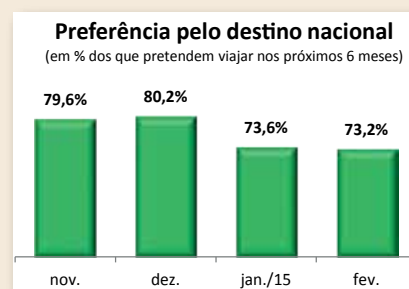
Fonte: IBGE

Móveis

A produção de móveis no País registrou queda de 9,2% em fevereiro frente ao mês anterior e de 9,1% nos últimos 12 meses. A balança comercial do setor computou déficit de US\$ 72,4 milhões no primeiro trimestre deste ano, tendo as exportações caído 7% e as importações, registrado ligeiro aumento, de 0,3%, frente a igual período do ano passado. Em 2015, a concorrência deve continuar acirrada. Além disso, é provável que ocorra redução das vendas internas, dado o cenário econômico menos favorável: alta das taxas de juros, elevado nível de endividamento da população e aumento dos custos com a elevação dos preços da energia elétrica, dos combustíveis etc.

Turismo

Segundo a Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, do MTur, em fevereiro de 2015, 23,7% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em fevereiro de 2014 esse indicador era de 26,7%). A maior parte deles (73,2%) dará preferência aos destinos turísticos nacionais. Dos brasileiros que pretendem fazer turismo interno, 53,4% utilizarão hotéis e pousadas e 38,7% ficarão em casas de parentes/amigos. A região Nordeste continua sendo a preferida por 45,1% dos turistas brasileiros, seguida pela região Sudeste (25,6%). O avião é o meio de transporte que deve ser utilizado por 60,4% dos turistas nacionais, que têm o automóvel como segunda preferência (24,4%). Para este ano, espera-se redução da demanda turística devido ao elevado nível de endividamento da população e às altas taxas de juros, dentre outros fatores.



Fonte: MTur e FGV

Artigo do mês

Marco Aurélio Bedê

Doutor em economia pela USP

Empreendedorismo no Brasil

A pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) vem sendo realizada no Brasil há 14 anos. Recentemente, o Sebrae e o IBPQ divulgaram os resultados da última pesquisa realizada no País. Neste ano, mais de 70 países participaram do estudo, representando mais de 70% da população e 90% do PIB mundial. A pesquisa monitora o empreendedorismo no País utilizando pelo menos dois grandes grupos de empreendedores: os Empreendedores Iniciais, aqueles que fizeram algo nos últimos 12 meses para ter seu próprio negócio ou que já possuem seu negócio funcionando com até 3,5 anos de atividade (formal e informal); e os Empreendedores Estabelecidos, aqueles que já possuem seu negócio funcionando com mais de 3,5 anos de atividade (formais ou informais).

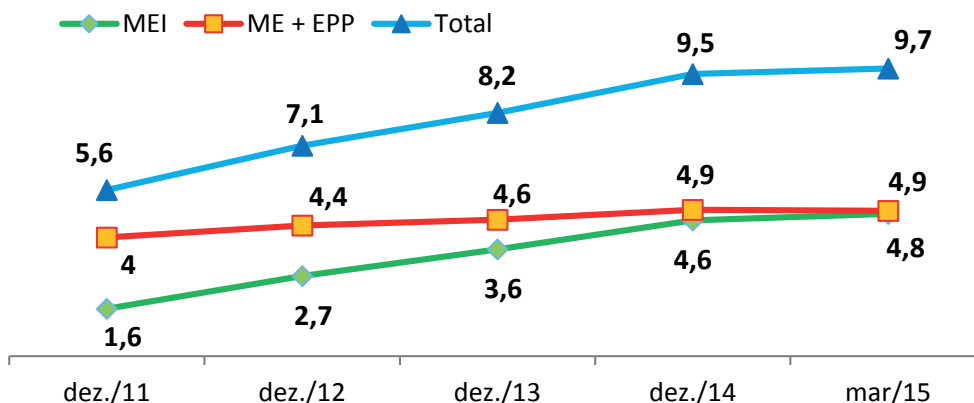
Em 2014, a Taxa Total de Empreendedores (TTE), que representa a soma dos Empreendedores Iniciais (TEA) e Empreendedores Estabelecidos (TEE) chegou ao maior nível da série histórica, atingindo 34,5% da população adulta, entre 18 e 64 anos. Isso significa que, em cada três brasileiros adultos, mais de um já possui um negócio ou fez alguma ação, nos últimos 12 meses, com o propósito de ter o próprio negócio no futuro.

Esse desempenho resulta da combinação de dois fatores. Por um lado, a TEA encontra-se entre os maiores níveis já verificados no período, só ficando abaixo do registrado no ano anterior. Isso evidencia que o ambiente para empreender no País melhorou na última década e meia. Por outro lado, a TEE atingiu, em 2014, o recorde histórico. Isso evidencia uma melhora na taxa de sobrevivência dos negócios mais antigos, pelo menos até o momento de realização da pesquisa.

No grupo dos Empreendedores Iniciais, também considerado o grupo de entrada no empreendedorismo, 51% são mulheres e 53% têm até 34 anos. Isso mostra que a opção de empreender é uma forte alternativa de ocupação, principalmente para as mulheres e os mais jovens. A escolaridade também vem aumentando a cada ano, acompanhando uma tendência mais ampla da economia brasileira. No grupo dos Empreendedores Iniciais, quase 50% tem segundo grau completo ou mais, o maior patamar da série histórica. Essa melhora da escolaridade acompanhou de perto a própria tendência de expansão da proporção dos negócios por oportunidade. Em 2014, quase 71% dos negócios foram criados por oportunidade, praticamente empatando com o resultado do ano anterior. Esses dados mostram que, na última década e meia, houve uma evolução bastante positiva do empreendedorismo no Brasil, podendo ser este um importante recurso diante de eventual desaceleração da economia.

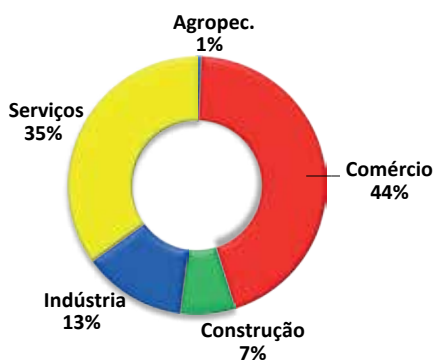
Pequenos Negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões)



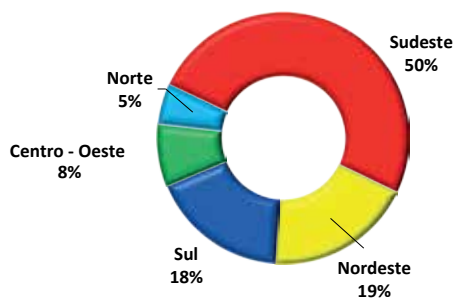
Fonte: Receita Federal

Concentração por Setor



Fonte: Secretaria da Receita Federal – março/2015.

Concentração por Região



Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos Pequenos Negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27%	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2012	39,8	Rais
No total de empregos com carteira	2012	51,7	Rais
No total de empresas privadas	2012	99	Rais
Outros dados sobre os Pequenos Negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	PNAD
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada	2012	15,1 milhões	Rais
Renda média mensal dos empregados com carteira	2012	R\$ 1.3 mil	Rais
Massa de salários paga aos trabalhadores	2012	R\$ 20,7 bilhões	Rais
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.: 1. Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
 2. Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.
 3. Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.